

JUNHO de 1913



# HELIOPOLIS

\* REVISTA \*  
DE ARTES E LETRAS



COMISSÃO REDACTORIAL:

Ulysses Sampaio  
Eladio Ramos  
Rodvalho Neves



RECIFE—PERNAMBUCO





# CORPO REDACCCIONAL

Agrippino da Silva.  
Mario Linhares.  
Costa Rego Junior.  
Silva Lobato.  
Raul Monteiro.  
Rodovalho Neves.

Ulysses Sampaio.  
Paulino de Andrade.  
Eladio Ramos.  
Mariano Lemos.  
Humberto Carneiro.  
Tenorio de Cerqueira.

## Summula:

O THESOURO DE LOPEZ.	Alfredo de Carvalho.
ANTE VITAM.	Mariano Lemos.
O BEIJO.	Costa Rego Junior.
O "CORUMBA".	Agrippino da Silva.
CANTARES BRASILEIROS.	Bastos Tigre
SONHO PAGÃO.	Mario Linhares.
PARASITISMO LITERARIO.	Eladio dos Santos Ramos.
POEMA DAS ASAS.	Silva Lobato.
PAIXÃO SELVAGEM.	Ulysses Sampaio.
HYMNO Á CARNE.	João Barretto de Menezes.
UM PERFIL.	Tenorio de Cerqueira.
NÓTULAS.	Redacção.

## EXPEDIENTE

HELIOPOLIS—revista mensal—sairá em dias indeterminados do mez, achando-se  
exposta á venda nas livrarias : Contemporanea, Franceza e Economica.

**Não se acceita collaboração,** permittindo-se ás commissões solici-  
tarem-na. (Regulamento—Art. X.)

### Assignaturas

Um anno.	5\$000
Um semestre.	3\$000
Numero avulso.	\$500

### Pagamento adiantado

A correspondencia destinada á HELIOPOLIS, deve ser dirigida á Associação  
Christã de Moços de Pernambuco, á rua da Aurora n. 65, 1.º andar.



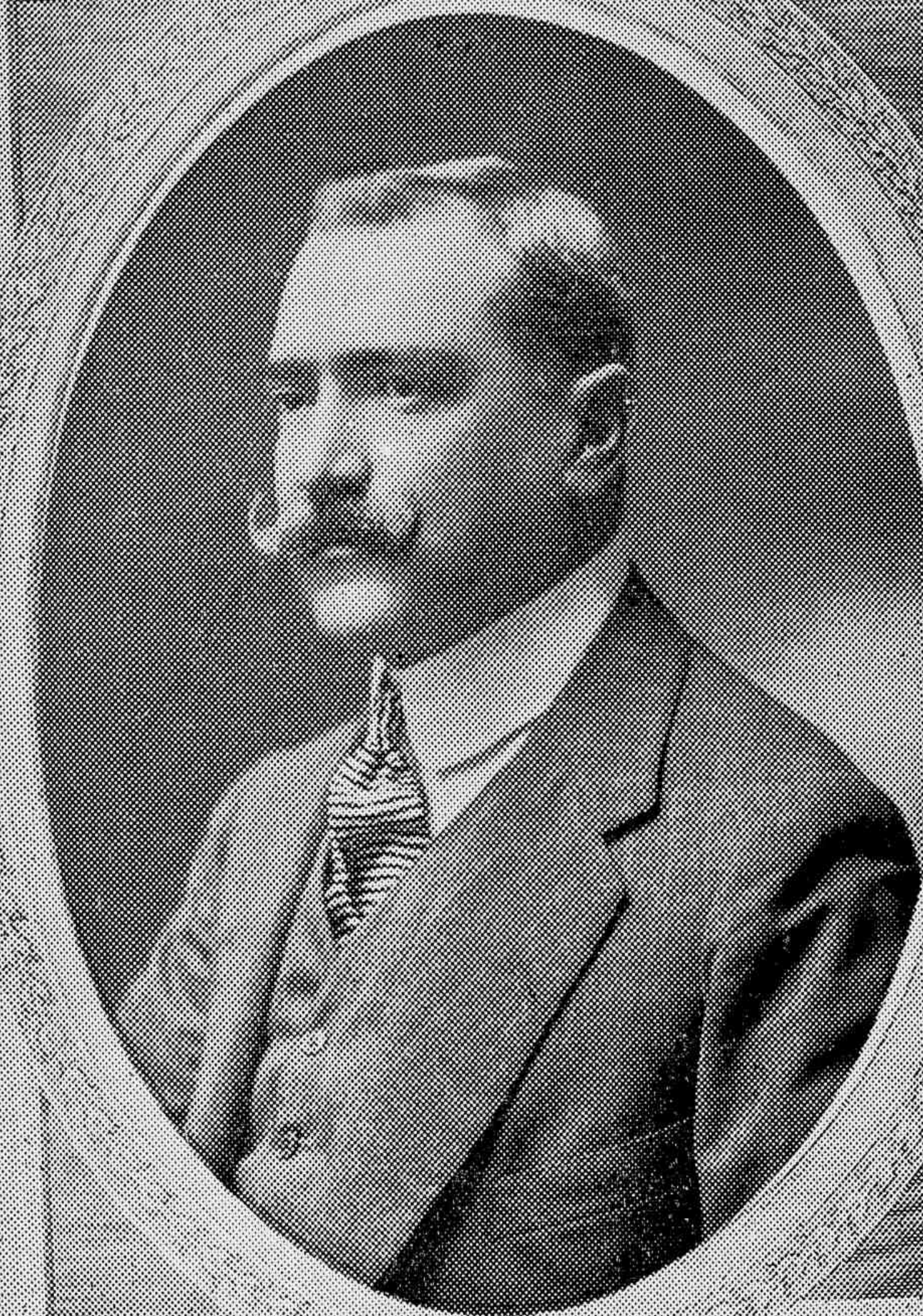
Anno 1

RECIFE-Junho-1913

N.º 3

# HELIOPOLIS

REVISTA DE ARTES E LETRAS



AB

Dr. Alfredo de Carvalho



# O THESOURO DE LOPEZ

## INTRODUÇÃO



COMO todas as grandes convulsões históricas, a formidável tragedia paraguaya ha de encerrar sempre, occultos nos re-folhos de seus annaes, muitos pontos obscuros e indecifráveis, problemas mysteriosos a desafiar a argucia dos mais solertes investigadores.

2 Aquella guerra sangrenta foi verdadeiramente de extermínio, e dos vencidos os raros que escaparam com vida, dentre os principaes comparsas do truculento dictador, ou ignoravam ou não quizéram revelar os moveis secretos e as causas reaes de varios successos, que permanecem inexplicados aos olhos da posteridade; nem ha que appellar para a possivel descoberta de documentos capazes de lhes clarear os soturnos meandros, tendo perecido nos flagícios da luta todos os archivos nacionaes.

Por vezes um méro acaso vem dilacerar o denso véu que encobria algum destes dramas tenebrosos, cujos protagonistas parecia estarem todos mortos, e á biographia sinistra de Francisco Solano Lopez accresce mais uma pagina de crueldade infame.

Foi o que recentemente succedeu quanto ao destino do thesouro do temeroso *Supremo*, accumulado havia decennios e consubstanciando a quasi totalidade do numerario, das gemmas e dos metaes preciosos ainda remanentes no Paraguay ao tempo da con-

clusão da campanha, thesouro cuja existencia comprovada e cujo desaparecimento fantastico tanto açulou a cobiça e intrigou a imaginação dos vencedôres.

Antes de 1865, o Paraguay gozava de evidente prosperidade: a nação não tinha dividas; os seus principaes productos—o mate, os couros, o fumo achavam mercado compensador na Republica Argentina, e o saldo continuo da exportação era de preferencia empregado na compra de joias e de alfaías, que se incorporavam, por herança, ao patrimonio das familias abastadas, e nellas se perpetuavam, devido á impossibilidade de refluirem ao estrangeiro em consequencia da clausura das fronteiras.

Cêdo após o inicio das hostilidades o paiz ficou effectivamente bloqueado, sem intercurso possivel com o exterior, para onde as necessidades do momento fizéssem escoar a riqueza movel, e si alguns aventureiros audazes, movidos de ganancia mercantil, lograram penetrar nelle, do lado da Bolivia, com comboios de generos, a nenhum foi permittido o regresso.

Dir-se-a que a guerra, com a cessação do commercio internacional estancou as mais importantes fontes de receita e com as avultadas despesas militares minguiu consideravelmente os depositos do erario; mas, convem não esquecer que estas despesas, de caracter puramente interno, foram sobretudo cobertas por copiosas e repetidas emissões de papel-moeda, e que as contribuições mais ou menos voluntarias, as frequentes requisições e as implacaveis confiscações continuaram a encher os cofres publicos,



nos quaes se confundia a fortuna particular do presidente.

Entretanto, os despojos conquistados pelos alliados triumphantes foram mais que mesquinhos. O proprio saque da capital—realizado, apesar de contestado—foi um mau negocio para os nossos soldados, depois de tantas fadigas e pelejas.

Que foi feito, então, de tamanha riqueza ?

Presumem alguns que, na previsão duma catastrophe final, Lopez, aconselhado pela sua concubina favorita, a famigerada cortezá irlandeza Elysa Lynch, conseguiu remetter para a Europa o melhor de seus haveres por intermedio dos navios de guerra neutros que, em differentes periodos da campanha, obtivéram accesso ás posições paraguayas. O ministro americano Washburn confessa mesmo que, em 1868, Mme. Lynch depositou temporariamente em a sua legação tres pesados caixões contendo valores estimados em mais de duzentos mil pesos fortes, e deixa perceber que parte delles foi posteriormente transportada a bom abrigo por uma canhoneira de sua nacionalidade.

Outros asseguram que o grosso dos cabedaes do dictador, opportunamente sepultados em lugares escusos e proximos do rio Paraguay, foi recuperado por agentes de sua amante, annos depois de terminada a guerra.

Mas, é absurdo suppôr que semelhante estratagem pudésse ainda occorrer na ultima phase da resistencia, cujo theatro cada vez mais se afastava das margens da grande arteria fluvial; outrosim sabemos que, rumando a sua retirada para o Norte, Lopez pretendia escapar aos seus perseguidores em terras bolivianas, e não é licito crêr enfrentasse as contingencias do exilio desprovido dos recursos pecuniarios exigidos para manter o fausto de sua principesca represen-

tação e satisfazer os seus dispendiosos habitos de omnimoda voluptuosidade.

De facto, elle arrastou após si, até ás vespervas do exicio, o fructo precioso, embora já reduzido, da expoliação de um povo inteiro, e d'elle só se separou sob o imperio de circumstancias extremas, mas, ainda animado da esperança de vir a rehavê-lo, ou de tê-lo furtado definitivamente á rapina do inimigo.

No dia anterior á derrota suprema de Aquidaban, o tyranno mandou occultar as reliquias de sua fortuna, com cautelas de tão lucido projecto que não admira acreditasse ser o unico possuidor do segredo de seu esconderijo e do crime atroz que o devia garantir.

No emtanto, nem a sua morte, nem a de todos os coveiros do thesouro, obistou que este viésse a ser exhumado, conforme nos revelou, não ha muito, uma conjunctura toda fortuita.

Presente, em 18 de Outubro de 1905, ao concorrido leilão do espolio do famoso historiador e bibliophilo inglez Sir William Edward Hartpole Lecky, promovido pelo conhecido livreiro de Londres, Bernard Quaritch, alli adquirimos, por quantia relativamente modica, um grosso lote de manuscritos, que o respectivo catalogo dizia constar de cartas autographas e de documentos diversos relativos ao Paraguay.

Mais tarde, colleccionando estes papéis, verificamos a presença de varias centenas de cartas escriptas por subditos britannicos residentes em Assumpção a parentes e amigos na Europa, em datas anteriores e posteriores á guerra, e uma duzia de memorias e tratados sobre differentes assumptos, como a relação das plantas medicinaes do Paraguay, pelo pharmaceutico Masterman; observações medico-cirurgicas, do Dr. Skinner; notas sobre a industria do mate, pelo engenheiro Thompson, e o longo testa-



mento olographo do exilado austriaco coronel Wiesner von Morgenstern, recheiado de curiosas informações sobre a sua attribulada carreira de *condottiere*.

Amplamente satisfeito com o achado destes valiosos ineditos, o nosso gualdio redobrou quando mais detido exame nos forneceu a almejada chave para o lobrego enigma do thesouro de Lopez.

Era nada menos do que a revelação completa e authenica do destino final das riquezas avaramente conservadas pelo sanguinario despota no paroxysmo de sua tresloucada resistencia ás avançadas ovantes das armas brasileiras.

Constituindo a base e a documentação exclusiva da subsequente narrativa, objectivava-se num amarellecido caderno in-quarto, com o depoimento de Archibald F. Pembroke, sobre as circumstancias tragicas da

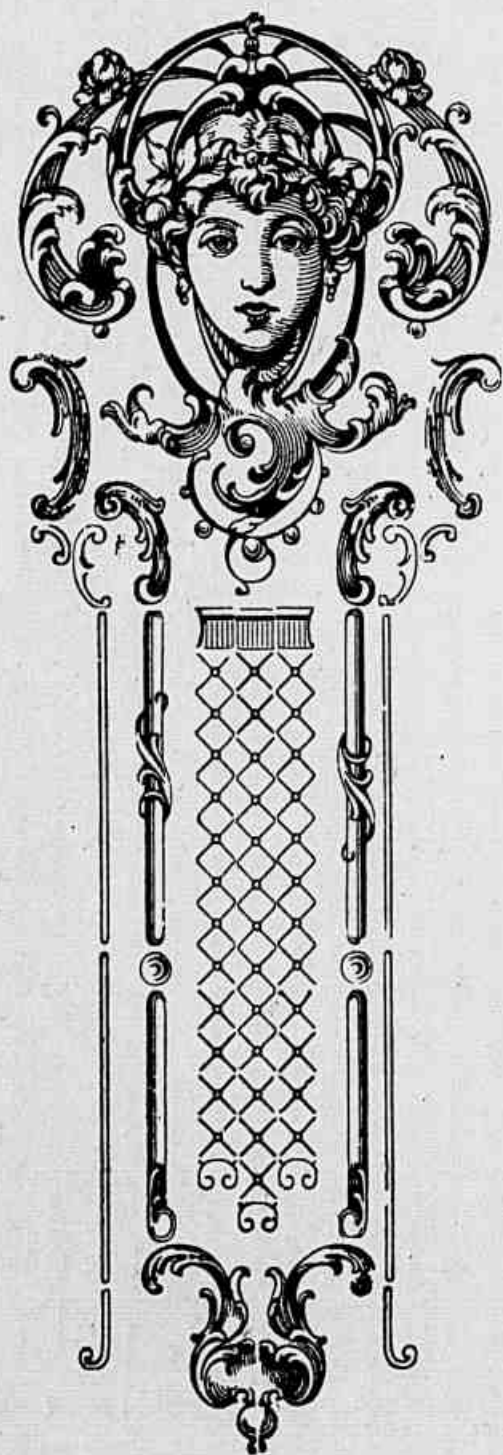
inhumação do thesouro e o *croquis* indicativo do local, e numa volumosa carteira, ou *note-book*, coberta de carneira azul com cantos de prata, em cujas folhas o seu companheiro Ralph W. Swainson consignou diariamente as peripecias da aventureosa jornada que os conduzio ao descobrimento, á posse e á perda dos restos, ainda assás cobiçaveis, da fortuna de Lopez.

Fundindo ambos estes documentos numa narração seguida e escoimando-a de incidentes secundarios, ou de caracter meramente pessoal, pensamos trazer uma contribuição nova ao estudo da historia da maior guerra sul-americana, que tão de perto interessa a nós brasileiros, e proporcionar aos simples curiosos o entretenimento de algumas horas de prazente leitura.

Recife, Março-Abril de 1913.

*Alfredo de Carvalho.*

4



## ANTE VITAM

Para o vigoroso espirito do poeta do *Sombras*.

Quem da existencia o fél provar não ha-de  
E os pés sangrar nas urzes dos caminhos?...  
Ah! quem da infancia não terá saudade...  
—A saudade dos noivos, dos velhinhos...

E feliz quem não é na flor da eade?  
—Roseiral de sonhares e carinhos—  
Em que o amor tem a estranha suavidade,  
Da musica chromatica dos ninhos!

A vida é accêsa lucta, lucta insana...  
Da qual depende toda a sorte humana,  
O Bem, o Mal que o mundo afóra corre!

Feliz quem vence todos os barrancos...  
E quem morre antes dos cabellos brancos,  
Sem presentir e sem saber que morre!

Recife, MCMXII.

*Mariano Lemos.*





## O BEIJO

5

No album de D. Zilda Sampaio

Foi gorgear na flor dos labios virgens de Eva  
Onde o beijo surgiu, num relevo jucundo,  
Com o músico vosear das aguas do Hebro oriundo  
E a phosphorisação dos diamantes na treva...

E ella, ouvindo-lhe o som, desvenda-lhe o profundo  
Segredo... Corre, e a Adão a hostia do beijo léva...  
E o beijo feito prece, immaculo, se eleva  
Cantando ao luar, sorrindo ao sol, crescendo ao mundo !

Se o desejo vem da alma e a alma vem no desejo,  
A bocca que beijou sente infindo resabio...  
Tudo vibra neste orbe á caricia do beijo !

Beijo—estrophe roubada ao poema das Sereias !  
—Gesto do coração florindo labio a labio...  
—Voz do sangue, triumphal, cantando pelas veias...

*Costa Rego Junior.*



# O "CORUMBA"

Para o bonissimo confrade Tenorio de Cerqueira

—Bôas-noites, *seu* moço.

—Deus lhe dê as mesmas, meu amigo.

Chovêra. O inverno, brusco, num assalto de lanças liquidas, levava de vencida todos os brilhos vesperaes.

A noite, algida e brunal, espalhando o remigio negro na suave descensão dos altos espaços infinitos, ruflava, num espannejamento de passaro erradio, as azas vellutineas.

Fóra, nas ruas desertas e barrentas, a agua das chuvas continuas que cahiram, escachoava, múrmura, fazendo regos e formando poças.

6 No estreito recinto de *tapona* em que me achava, desprendiam-se, de longe em longe, de uma em uma, de telhas esverdeadas, turvas pingas de agua.

No ar estanque e frio, no ambiente tranquillo e humido, apenas se percebia o vozear monotono de um grillo insomne...

Da velha mas prospera fazenda do coronel Sylvestre, o «dono daquellas redondezas», viera o *Burity*, o «corumba» que destinaram para me guardar naquella noite friorenta de Junho, viuva de brilhos e de côcos...

Trocadas as salvas do costume, deu-me o recado de que era portador e disse-me que me não incomodasse, pois dormiria em qualquer parte...

—Não, respondi-lhe. Aqui tem uma rêde larga e bôa. Pode ficar á vontade. A casa é nossa.

Elle, antes de abril-a e deitar-se, derramou o olhar incisivo de onix-brilhante pela sala que nos abrigava, contemplando as armas disseminadas

pelos cantos. Sacudiu á sinistra um *rifle* e, dextro, com a proficiencia dos cangaceiros, manejou-o, depois de desarmal-o. Com a linguagem typica, caracteristica dos homens brancos—mais selvagens que humanos—discorreu largamente sobre essa arma preferida pelo banditismo, mostrando as suas vantagens e os seus inconvenientes.

—O *rifle*, *seu* moço, ajuntou elle, além das quinze balas que accomoda na *barriga de aço*, é leve e maneiro; é a arma querida dos «corumbas». Os seus primeiros tiros attingem o alvo; os ultimos, porém, perdem-se no espaço. O cano, após os primeiros disparos, esquenta; e é por isso que se dá tal coisa...

Interrompendo-o, offereci-lhe um pouco de «opalina»...

Apesar das feições grosseiras, que lhe assignalavam através dos seus lineamentos a brava, a indomavel psychologia sertaneja, respondeu-me, accessivel e submissamente, que, embora fosse uma «bebida de branco», acceitava, pois o frio da noite, intenso e forte, lhe fustigava o côro, lhe mordida a carne, atravessando-a...

Bebeu sofregamente e cuspinhou...

O silencio envolveu-nos, por instantes...

Deitámo-nos. Elle, no seio concavo da rêde tosca e parda que se lhe casava bem com o corpo trigueiro e rude; e eu, envolto nuns lençóes de linho espesso e quente, sobre um leito de lona, largo e confortavel.

Semi-sorrindo, deixando apparecer, por entre os labios grossos e violaceos, dentes dissymetricos, falou-me dos dias idos, das épocas agridoces



do passado, da sua mocidade entretecida de gosos e de erros!

Fôra um doido, um perdido; commettera toda a sorte de desatinos...

Os paes, que lhe ignoravam o paradeiro, se é que viviam ainda, abandonara-os cêdo.

A bebida e o jogo venceram-n'o.

Por longos annos fôra refem desses dois elementos nocivos á sua moral e ao seu character!..

—Uma vez, disse elle, lembro-me bem, jogava; o casebre, perto da feira, por pequeno de mais, mal nos comportava a mim e aos companheiros... Todos—presas do anseio de ganhar,—redobravamos as partidas. Num dado momento, perdi todo o dinheiro que levava; nas algibeiras nem um vintem sequer! Subito, nos olhos em febre, em delirio, abriu-se-me um lampejo estranho: atravessara-os um raio de desespero; emquanto nas faces daquelle, em cujas mãos se escondia o dinheiro que me pertencera, bailava um sorriso de prazer e de desdem!... Num accesso de despeito e de odio, atirei-lhe o baralho á cara. O troco não se fez esperar: á minha arrancada audaciosa respondeu com um tiro de garrucha que, graças a «Deus e á Virgem Maria Santissima», não me pegou. O cabra errou o tiro. Galgando, de um pulo, a mesa, pude agarral-o, deitando-o por terra; esbofeteei-o, esmurrei-o, mordi-o, apertei-lhe a garganta e tel-o-ia morto se a policia, sabedora da *buia*, não chegasse ás pressas. A sala, em desordem, estava quasi abandonada. Os nossos *pariceiros* haviam desertado. A' voz de prisão, deixei-o e tentei, por uma porta do fundo, fugir; mas, baldado esforço, mãos fortes e robustas subjugaram-me, prendendo-me. Botaram-me no *tronco*. Na manhã seguinte, escoltado, entrava na cadeia, despertando o riso dos desgraçados e dos infelizes que lá estavam!

O jury absolveu-me.

Devido á protecção de um homem, a quem trahi, a quem tentei arrancar a existencia, pude viver ainda algum tempo nesse logar, na longe terra dos meus, sob a larga fama que captara entre os amigos de vicios e de crime...

Perseguido, «sem costas quentes», abalei, mais tarde, sertão a fora, em busca de pousada e de trabalho!

Ao cabo de um dia de verão ardente, chegava, olhos em fogo e pés feridos, a um povoado, onde, á custa de diligencias, arrumei agasalho. Não me agradei do logarejo; em vista, porém, de ter achado serviço, resolvi ficar. Mas, não estava satisfeito; faltava-me alguma coisa... faltava-me o objecto, o movel de outros desatinos, de novas loucuras: a mulher, a «costella inseparavel»,—causa da *derrota* e da bravura do homem!

Achei-a... emfim. Unimo-nos no mesmo leito... e debaixo do mesmo tecto. Nos seus olhos nocticolores esqueciam-se os meus; nos seus labios carnudos pousava, beijando-os, a minha bocca; nos seus cabellos negros e compridos, levemente ondeados, roçava, vezes muitas, a minha fronte queimada pelo sol das roças; e, num transporte de amor e de paixão, demorava a cabeça no seu collo macio e morno...

O passado—as *buias*, o jogo e o *samba*—esqueci-o nos braços da mulher que me trahia... nas garras do abutre que me farejava, ensaiando as azas para voar...

Sorprendi-os, um dia! Ella e o cabra... beijavam-se!... Ella, que conseguiu fugir, ficou impune; elle, porém,—o cabra afoito que, a ranger os dentes e a cerrar as mãos tigrinas, me enfrentou, audaz e destemido, recebeu a merecida paga de seu *feito*: rasguei-lhe o peito esquerdo com um punhal—meu velho amigo e companheiro! Foi uma *buia* passageira;



de nada lhe valeram a *sustança* e o *traquejo* que tinha!

Sangrado, rodou... rodou e cahiu pesadamente no chão duro; arregalando os olhos, retendo na garganta secca um grito de dor e de vingança, fincando no barro ensanguentado os dedos sujos, tentou erguer-se... mas, esgottando-se-lhe as forças, abateu, de bruços, morto!

Logo em seguida, cauto e ligeiro, ganhei a *capoeira*. Atravessando *taboleiros* e *chapadas*, embrenhei-me nas *caatingas*.

Decorridos mezes, fugindo á vida estúpida das selvas, vagueei pelos descampados; e, a um sol que se sumia entre nuvens de algodão enso- pado de sangue, palmilhei, encorajado e resoluto, a estrada arenosa e longa.

8 Guiado por «Jesus Christo, Nosso Senhor», pisava, pela madrugada, as terras do *seu curuné Syliveste*, que me acceitou na fazenda, dando-me, dias depois, o lugar de cabo. Graças á *sympathia* que lhe inspirei, goso, ha tantos annos, de sua inteira confiança.

Por elle, pelo bom patrão, lutarei até á morte; trocarei, se preciso fôr, a

doce tranquillidade que desfructo no meu *mucambo*, pelos sobresaltos e receios que se tem nos meandros da floresta virgem...

As suas ultimas palavras, fracas e pausadas, mal me chegaram aos ouvidos.

Vencido pelo somno, voltou-se para o lado opposto e adormeceu.

E, minutos após, immerso nas reflexões que o medo suggeria, adormeci tambem.

. . . . .

No dia subsequente, pela manha aromal e clara, sem que o presentisse, elle se foi, a sós, ruas em fóra, demandando a estrada de rodagem, em busca da fazenda que se perdia, longe, entre arvores e montanhas, emergindo, irrompendo, graciosamente, da selva ampla e verde do cafetal viçoso.

A rêde, em que dormira talvez revendo em sonho as *buias* que me contara, donde surgia, num halo rutilo de sangue, a sua mocidade criminosa, estava enrolada, presa á parede por um dos fortes e bem tecidos punhos.

*Agrippina da Silva*

## Cantares brasileiros

Quem quizer viver ditoso  
Não queira saber de amores;  
Si nos dão horas de goso  
Dão-nos seculos de dores.

Formosa não sejas louca  
Que eu contigo não me illudo;  
Podes tu fechar a bocca  
Que os teus olhos dizem tudo.

*Bastos Tigre.*



# SONHO PAGÃO

Sonho-te nua e o teu grêgo corpo de Venus,  
Aos meus olhos pagãos, palpitando, aparece...  
Recruzam-te no olhar locústicos venenos  
E a tua voz me chama em sussurro de prece.

Vens-me, nervosa e em febre, ardendo de desejo,  
Aos meus labios cedendo os teus labios em flor.  
Beijas-me e, as sensuaes caricias do teu beijo,  
Nascem dentro de mim nóvos mundos de amor.

Vens a mim e o meu seio, alvoroçada, buscas  
E, a sorrir, satisfeita, entregas-me os teus seios  
Que se levantam qual duas taças etruscas  
Brindando da Volupia os lúbricos anceios.

E em teus labios se accende o estellario do Riso  
E vens povoar de luz a minha solidão...  
Como ao teu lado sinto abrir-se um paraíso  
Encantado de amor dentro do coração !

E o sol que, entre o rasgão das nuvens, briha no alto,  
As curvas do teu corpo em chuva de oiro banha  
E o vento te desnastra a coma e, em torno, estranha  
Sensação tudo prende a um mago sobressalto...

E procuro-te o vulto em delirio de louco  
E abres-me, em fogo, os teus alvos braços em cruz !  
O teu beijo suffoca o meu soluço rouco  
E o teu olhar inunda os meus dias sem luz...

E, prêso á tua voz, prêso ao teu corpo mórno,  
Arfa-me o seio e, veia a veia, infla-me o sangue !  
Tomo-te as mãos e o busto e, contôrno a contôrno,  
Cinjo-te e cáes aos meus braços, cansada e langue.

E minha alma, offegando, ao teu garbo, rendida,  
Em férvido clamôr, vem prosternar-te aos pés...  
Amemo-nos que o Amor é o espirito da Vida  
E o homem é a prêsa vã dos desenganos cruéis !



Tudo se enche de vida aos teus carinhos suaves :

—Desperta a estrella no alto e, em baixo, accorda o prado  
E, pelo som do riacho e papeio das aves,  
A Natureza préga a biblia do Peccado.

E tudo a esta volupia insana vae de rastros,  
Desde o aroma da flor á voz do rouxinól!  
E, Amor, sobre este amor desça a bençã dos astros  
E o baptismo lustral sacrílego do sol.

*Mario Linhares.*

(*Evangelho Pagão*, inédito).

## Parasitismo litterario

10

**H**a quem se manifeste, e com certo entusiasmo, contra as produções ligeiras do espirito, filhas da phantasia, porém, creadas pela imaginação própria, bordejando assumptos, resvalando ás quietudes profundas de pesados problemas, com um ar de subtileza que fica bem ás almas sensitivas. O rapaselho que faz de morcêgo no corucheu dos jornaes inda mal rascunha phrasita peca, de enxurrada, ou como furiosa mesnada, atira-se aos carrancismos dos livros de sciencia. Numa ancia de exhibir fôfas erudições assalta um desses pacatos cidadãos que, na hypothese, pode ser Büchner ou Dufrenne, tire-lhe os titulos e subtítulos, encapa-os, arrasta-os tal se o fizesse a renitentes e invenciveis inimigos. Em uma das columnas escriptas de afogadilho, lá está o titulo encampado, soberano como estandarte desfraldado entre rufar de tambores, em meio de contenda. Esse phrenesi da exhibição tem estiolado as verduras promissôras do character, pobre plantula triste que apenas vive a vida ephemera das rosas de Malherbe. E

o jovem está armado cavalleiro das novas pugnas do jornal.

O espadachim é a logica, admiravel logica de La Palisse que fere e deixa em rictus macabro, a alma do seu illustre antagonista. Mas para o néo jornalista, sem solidez scientifica, não ha senão dous caminhos: a imitação e o plagio. Imitar é fazer gymnastica de estylo. Para imitar urge uma penetração forte de estylo, o que não é pouco trabalho. Só ha então um unico e victorioso caminho: o plagio. Plagia-se na sombra, na claridade, em toda parte.

O plagio é um culto, com licença de Faguet, verdadeiro culto que se propaga dia a dia numa expansão improductiva. Contra isto é preciso reagir e combater. O desvio do character é uma consequencia deste parasitismo litterario. Não ha ideias; ha um desbrio, uma falta de escrupulos perigosa, um desejo de ser conhecido, não importa o meio, passando por cima de todos os preconceitos.

Que as portas da gloria lhe sejam abertas no fim de sua jornada scientifica, mas na cegueira em que vai, no desconhecimento de si mesmo, não lhe aconteça jamais o destino cruel dos idolos partidos.

**Eladio dos Santos Ramos.**



# OS DE CASA



Paul Monteiro

Caricatura de LOB



# Poema das asas

Asas! tive-as um dia a um sol de occaso, tive-as  
na extensão pastoril de amplas campinas rasas!...  
E eu voava; ia pelo ar—passaro de asas niveas—  
o ar povoando de sons com a vibração das asas!

Trouxe-me a terra, a estuar, a ideia, e o mundo o que era  
vi na impressão visual de estranho microscopio.  
Embriagava-me, no alto, o cheiro da atmosphera,  
a vertigem do azul dava-me sonhos de opio.

Longe, as coisas do mundo, a gente acaso vendo-as,  
—Grãos de areia... diria!... E as náus, soltas ao panno,  
vistas do alto, a meu ver, quasi á feição de amendoas:  
leves cascos boiando á vastidão do oceano!...

Sob o insano labor de uma lida sem treguas,  
—heróe, de arnez ao braço, ao braço herculeo a clava—  
era meu sonho voar: voava leguas e leguas,  
vendo astros, vendo sóes, mundos acima... Voava!

11

Homem,—cosmopolise-o o bronze das estatuas,—  
Genio, que és?! que serás, ó alma incompreendida?!...  
E' que a altura nos traz, sobre essas coisas fatuas,  
a ignota concepção grandiloqua da vida!...

Cheio da minha febre, a alma em candentes fraguas,  
mais eu voava que voar desta vertigem cheio,  
fôra, por meu sentir—velas, e astros, e aguas—  
meu grande aneio, meu indefinido aneio!

Astros—mundos da altura—em verso o amor celebre-os,  
eram, quando os fitei, pela amplidão, de rastros,  
luz e som; e, ebrio o olhar e com os ouvidos ebrios,  
encantava-me a voz mysteriosa dos astros!

Nuvens—blocos em luz, soltos—deus-Sol protege-as—  
vi-as, como jamais, n'um fulgido thezouro;  
é que o deus no esplendor das suas festas regias  
de oiro, ia oiro a espalhar por sobre as nuvens de oiro.



E eu vi, a pouco e pouco, em seus reflexos aureos,  
ir desaparecendo o Sol. Ao longe, inquietos,  
erra, prófugo, o olhar dos repellentos saurios,  
erra o phósphoro azul dos prófugos insectos !...

Vi—a voar no meu sonho incomparavel—deuses,  
astros de oiro, amplidão fecunda que me assombras,  
vi deus-Sol despedir seus ultimos adeuses  
com o primeiro arrebol e com as primeiras sombras.

A' hora crepuscular, soltas nuvens do poente,  
a floresta éra um templo, em seus aspectos graves ;  
a essa hora, havia, a echoar, sons de sinos no ambiente ;  
no ar, cessava o rumor symphonico das aves.

E, em breve, ha estrellas, ha trevas,—é a noite—apague-as  
o luar ; derrame o luar fulgurações estranhas...  
O' remigio immortal das altivolas aguias,  
ó eloquente altivez perpetua das montanhas !

A rolar na amplidão fulgurante, por vel-as,  
encheram-se em fulgor as estrellas, em roda ;  
e, em roda, a poeira astral de todas as estrellas,  
como por sobre mim, derramara-se toda !

12

Asas !—sonhos, ideias de adolescentes, arias  
e sons voando, rumor de passaros dispersos,  
vida e amor da Floresta,—ó almas visionarias,  
tive-as na floração dos meus primeiros versos !...

Asas !—restos de amor... visões passadas... nevoas ;  
odes—ultimos sons flebeis da frauta rude—  
na saudade profunda, em meu caminho, levo-as  
como recordações da extincta juventude !...

Adeus rios que espelho ereis do Sol em glorias ;  
mattas virgens, adeus : rei-Sol é morto !... Olhai-o,  
aves, e antros, e sóes ; verdes arvores floreas,  
ai ! que saudade foi seu derradeiro raio !

\*  
\* \*

Illusões... nada mais ! Folhas ao vento !... Tive-as  
no pensamento : Alguem, verdes campinas rasas !...  
E eu voava ; ia pelo ar—passaro de asas niveas—  
o ar povoando de sons com a vibração das asas !

*Silva Lobato.*



# PAIXÃO SELVAGEM

(ASPECTOS DA VIDA SERGIPANA)

*No dr. Gumerindo Bessa, glória da minha terra.*



I

João Bandeira tinha descido no verão passado, n'uma grande leva de retirantes que tinham vindo de cima acossados pela seca que desalojara todos os sertanejos daquellas bandas matando-lhes as plantações dos roçados e nem deixando pinga d'agua nos bebedouros de toda aquella redondeza

Como tinha sido n'aquelle engenho, depois de penosos dias de viagem o primeiro da *Cotinguiba* em que tomara rancho quando a noite lhes fechara a estrada, elle se deixara ficar ali indifferente, porque ali tomaram-n'o a serviço, com trez ou quatro companheiros de jornada, enquanto o bando esfarrapado e tropego em que viera, se foi ainda arrastando a fadiga e o desespero por ali afóra.

João Bandeira não era bem o typo do sertanejo.

A sua face encardida pelos longos sóes da roça, tinha uns ares acerbos e o seu olhar atravessado e incerto, dando-lhe á physionomia uma dubia expressão entre triste e suspeita, dissimulava a psychologia apparente do seu temperamento, não deixando adivinhar se morava dentro daquelle arcaboço a alma esquiva de um timido, ou o segredo de uma maldade dissimulada.

Desconfiado e arredio não tinha aquella franqueza de gesto, aquella rustico desembaraço que fazem do

sertanejo um palradôr espalhafatoso, um divertido e burlesco narrador de façanhas.

Era silencioso, carrancudo e quasi mal encarado, o que fez provocar logo a hostilidade do meio rustico em que vivia.

Olhavam-n'o de revés e sempre que elle passava no seu passo tardo e pesado não lhe favoreciam os comentarios que ficavam entremeiados de muchôchos e gestos de desconfiança.

Aquelle,—diziam—, diabos me levem se não tem alguma morte ás costas.

E o João Bandeira, entretanto, era muito mais um tarado do que uma alma perversa.

E' certo que já uma vez tinha desembainhado a sua faca para um boiadeiro que o quizera açoitar e que o mataria se elle não tivesse tremido como um covarde.

Mas eram coisas da vida...

Filho daquelles grandes ares sadios que preparam organizações robustas, elle não era mais do que uma dessas mentiras vivas que apparecem como um contraste em todos os meios, abrindo bruscas soluções de continuidade ao curso logico de toda a observação.

Desde que deixara as suas terras se lhe alojara n'alma uma grande tristeza, uma coisa exquisita que lhe magoava dentro, quando lhe vinham á imaginação as paysagens do alto, reminiscencias de circumstancias familiares da sua vida de sertanejo:—o arrebanhamento do gado de curral ás tardes para o bebedouro, as bati-



das ás rezes desgarradas que abalavam pela catinga fóra e elle perseguia, encourado, arrostando a violencia das macambiras dilacerantes.

Era uma nostalgia subtil e constante que o tornava amolentado e indolente, sem coragem para nada.

Desde que entrara a serviço, aquella tristeza muito tempo andara com elle.

Muitas vezes, na roça, em meio ao eito, ella o tomava insensivelmente, fazendo-o ficar muito tempo parado e absorto com o olhar cravado nos longes de perspectivas intimas, recostando-se inconscientemente ao longo cabo da enxada, até que vinha o feitor brutalmente acordal-o do grande sonho nostalgico.

14 A's vezes, e isto era sempre, na tristeza daquelles crepusculos bucolicos, cheios da angustia dos *flamboyants* que perdem as flores rubras que caem como lagrimas de braza; quando se calam todas as aves palmeiras e só geme a jurity que se aninha, o mysterio de uma saudade ignota dentro das ramas silenciosas da oiticica, elle se ia deixando levar na suggestão da tristeza universal, magoando-se de uma consciente tortura ineffavel, que até lhe fazia vi-rem lagrimas aos olhos, marejando-lhe as palpebras que elle limpava com as costas da mão grosseira.

Elle até se admirava de ver-se assim fraco como uma mulher, elle que tantas vezes arremetera a onça nas tocaias que lhes punham á noite quando se ia dizimando mysteriosamente a boiada da fazenda e não valiam as coivaras que faziam em volta dos curraes para que ellas não tomassem chegada.

E desde que descera, só muito tempo depois tivera uns bons momentos de alegria, e foi quando um dia chegou ao engenho um retardatario retirante, um d'esses sertanejos pertinazes, que luctam com a nature-

za como um força igual e só desertam quando até as raizes saltam do ventre da terra lascada e o sol as combure até fazel-as em poeira.

Fizeram-lhe bem as noticias, embora desoladas, do alto.

## II

No engenho havia certo tempo já que se falava com malicia nos amores da Sara com o José da Alexandrina.

Sara era uma d'essas raparigas folgazonas e alegres, que têm a alma á flor do gesto e não sabem dissimular as expansões.

Bonita e brejeira, fazia andar numa roda viva os rusticos namorados que a cercavam anciosos e de quem fugia se esgueirando em negaças, deixando-lhes apenas a doçura das promessas que adiava sempre.

Muito rira á cara dos mais atrevidos, quando não repellia as audacias com uma rudeza viril de mulher decidida.

Falavam muito della agora porque se deixara devéras prender pelo José da Alexandrina, com quem andava de cotio pelas varzeas fóra em passeio, sem lhe importar o que diziam os outros.

Em torno do seu namoro o commentario insidioso e hostil ia tecendo e entretecendo escandalos em que já enredavam a sua reputação.

Fôra por uma noite dolente de verão que ella começara a gostar do namorado.

As folhas tinham adormecido nas ramas do arvoredos.

Os ninhos calados, o ar parado e o céu tranquillo e no céu a belleza de uma lua radiosa, davam á noite uma ineffavel doçura.

A paisagem de tons indecisos de penumbra, de contornos esfumados sobre o fundo escuro do horisonte, dava um timbre de mysticismo á natureza bucolica.



Lá em baixo, em campo aberto, o engenho avultava com sua chaminé e altos muros recortados, pondo no luar extranhas sombras de torres e minaretes de velho castello medieval.

Ao longe, na confusão das tintas apagadas na distancia, corria suavemente a silhueta dos montes, pondo um limite imaginario de arabesco a extensão attingida da paysagem.

Foi nessa noite que no engenho se ouviu pela primeira vez a voz do José da Alexandrina, cantador de fama por toda aquella redondeza, que no desafio a viola cantava dia e noite a fio sem lhe morrer a inspiração.

Entrado a serviço nessa tarde, na mesma noite afinara a viola e se puzera, despreoccupadamente, a cantar ao luar.

E, assim que a sua voz caiu dentro da noite e se foi alargando pelo silencio afóra como um friso á flor das aguas, logo reuniram em torno da sua voz, curiosamente, todos os moradores do engenho.

Começaram então a estrugir os applausos e d'ahi a pouco reinavava ali uma viva animação que foi até noite alta, aos meneios do cantor se balançando ao rythmo da viola que afinava com a suavidade do ambiente a suavidade do som.

E foi nessa noite que Sara começou a gostar do José da Alexandrina.

### III

Nunca o João Bandeira tivera a mais pequena quéda pela Sara.

Não lhe tinham impressionado nunca os seus encantos, nas viagens quotidianas que ella dava pela sua porta, invariavelmente passando todas as tardes para a fonte, um grande tanque que ficava n'uma gróta para atraz da senzala.

Sempre de flor ao cabello, cantando alegremente, atirando calhaus

aos bandos de aves pelo caminho, ella ia e vinha sem que elle lhe tivesse nunca atirado o mais pequeno gracejo.

Parece mesmo que a não via, mergulhado dentro do seu mutismo habitual.

Foi, porém, por uma tarde em que ella passara pela primeira vez de lado com o José da Alexandrina, que elle se tomou subitamente de paixão por ella.

Fôra uma cousa inexplicavel.

Elle sentio uma extranha ancia intima, ao vel-os passarem muito chegados, muito enamorados, como se lhe fosse aquillo um desafio.

Dentro em si sentiu uma especie de convulsão em que se abalaram todas as fibras, como se de repente, tivessem acordado nelle todos os instinctos apaziguados, todas violencias da carne soffreada.

Fez-lhe mal aquelle communicativo conchego de namorados, e de subito, affloraram para elle todas as graças sensuaes daquela rapariga bonita que lhe passara até ali indifferente.

Viu-os seguirem, quasi abraçados e desaparecerem lá na queda brusca da ladeira.

Desde então esteve constantemente sob o peso daquelle extranho desejo. E era um supplicio para elle aquelle idyllio continuo de namorados, provocando-lhe revoltas intimas, que elle nem podia bem abafar e explodiam em crises tumultuarias em que elle violentava o que lhe ficava em torno.

Na sua rudeza egoista não comprehendia o prestigio do outro sobre aquella mulher que não era sua e sobre a qual, entretanto, se arrogava direitos imaginarios pela intima inclinação que o arrastara para ella.

Instinctivamente se apossara delle um odio profundo pelo José da Alexandrina e tinha impetos tenebrosos todas as vezes em que o via passar,



feliz dentro dos seus amores, acompanhando Sara para toda a parte.

Na sua inconsequencia de apaixonado, metter-se-lhe na cabeça o proposito, como uma convicção, de conquistar a rapariga.

Começou a seguil-a de mais perto, começou a cercal-a de sua insistencia enamorada.

Buscava-a por todos os cantos com o olhar incendiado que a principio passou a ella indifferente, mas que afinal começou a perturbal-a.

De uma fulgencia vitrea, sahindo de dentro da sua physionomia escusa, com um fulgor estranho, aquelle olhar parado eternamente sobre ella lhe foi fazendo um mal exquisito, como se dentro d'elle houvesse magnetismos truculentos.

Ella começou a fugir-lhe atormentada, sentindo nelle um grande imperio que não podia debellar, como tentara, com a sua brejeirice habitual.

Quizera rir-lhe á cara mas não tinha coragem.

A's vezes lhe vinham uns assomos subitos de energia para escorraçal-o, mas sentia-se vencer quando aquelle olhar apparecia se esgueirando para ella que fugia, atordoadá, com um desejo enorme de gritar.

E assim muito tempo esteve elle a buscal-a e ella a fugir-lhe inquieta.

Eram encontros fortuitos que não podia evitar.

De subito elle apparecia atalhando-lhe o caminho quando por acaso a encontrava só. Não lhe falava, mas, ella sentia a expressão atroz do seu olhar.

Corava, baixava a vista e sahia como que estonteada por ali afóra.

Somente ao lado do namorado se sentia confiada. Quiz dizer-lhe tudo: o terror d'aquella perseguição atroz; mas teve medo. Assustava-a o receio de uma contenda.

Apenas se lhe chegava medrosa nos momentos angustiados. Amava-o mais agora, mais ainda, á medida que a ia avassalando o pavor daquella perseguição.

Acarinhava-o mais, beijava-o mais, n'uns transportes nervosos de que elle não era capaz de perceber o origem.

\* \*

Uma tarde ella descera sosinha para a fonte.

João Bandeira viu-a passar e seguiu-a tomado de uma idéa estranha.

Deixou-a descer o caminho que levava ao fundo da gróta onde espelhavam as aguas quietas do tanque e desceu em seguida espreitando as redondezas, por onde não havia ninguem.

Sara mergulhava o pote dentro d'agua, quando sentio tocal-a uma mão pesada.

Passou-lhe, decerto, na cabeça, a idéa do noivo porque se voltou sorrindo, tranquillamente.

Estremeceu de subito, porem, e um tremor nervoso a sacudiu.

Sara!—João Bandeira teve uma doçura ineffavel na fala—eu sei que você me antipathisa...

Ella tremeu e elle sem achar mais o que dizer ficou muito tempo a olhal-a atrapalhado.

Ella se foi movendo lentamente para se ir... elle tomou-a instinctivamente pelo braço que ella sacudio com violencia... «Solte!»

Elle não soube dizer mais nada. O contacto daquella carne inundou-o de sensações violentas. Pegou-a com mais força agora, procurando trazel-a para si, emquanto ella luctava desesperadamente para lhe fugir das mãos possantes. Ella luctava... luctava... enchendo-o de apodos violentos...



Elle tinha uma bestial expressão, com as largas narinas dilatadas e o olhar libidinosamente a rondar aquellas formas soberbas.

Nisto, lá no alto, appareceu despreoccupadamente, o vulto do José da Alexandrina.

Com surpresa viu o que lá embaixo se desenrolava.

Precipitou-se ladeira abaixo e de um arranco brutal arremessou o João Bandeira que rodopiou sobre os calcanhares e tomou nos braços a namorada que soluçava.

Em seguida afastando Sara, caminhou direito para o sertanejo.

Os dois homens se encáramos silenciosamente, tenebrosamente, e—cada um arrancando no mesmo gesto a faca de que vinha armado—se engalfinharam n'uma luta tragica e, baqueando, rolaram por ali abaixo, até cahirem da ribanceira dentro d'agua.

Quando acudiram os moradores aos gritos hallucinados de Sara, apenas umas rajas desmaiadas de sangue toldavam a superficie das aguas tranquilladas do tanque.

*Ulysses Sampaio.*

## HYMNO Á CARNE

Glorias te exultem, deliciosa Carne,  
Que votas sempre aos impetos humanos!  
Eu bem comprehendo as dores exquisitas,  
Quando tu tremes, quando tu palpitas,  
Toda envolvida entre cheirosos pannos.

Tambem morreste um dia e ao teu sepulchro  
Velava a guarda de conselhos sabios...  
Mas, solo immenso onde a volupia acampa,  
Vivo CADAVER, despregando a tampa,  
Vens novamente endoudecer os labios!

Se o braço aperta angelical cintura,  
Entre o sussurro de caricias loucas,  
Na febre immensa que emoções reclama,  
A lingua, em ancia, como etherea flamma,  
Fulge e refulge, enfeitando as boccas.

Franzina, ao bamboleio das cidades,  
Filha dos campos, desleixosa e gorda,  
Quando te estreita o seio enamorado,  
Não, não ha, nesse espasmo arrebatado,  
Bocca que beije, que tambem não morda!

Glorias a ti, a victima rebelde,  
E agrilhoadada pelo preconceito...  
Empunhando o alvo copo das doçuras,  
Fazes tingir de algumas gottas puras  
A divina camurça de teu peito!

Glorias a ti, resurreição do goso,  
Na cathedral de epicuros devotos,  
Onde alleluias juvenis escuto  
Cantando a vida—pobre flor sem fructo—  
Quando a ventura se assemelha ao lotus.

Glorias a ti, que em romaria alegre  
Sentes passar a multidão inteira  
E ouves a voz de corações sedentos...  
Sombra perseguidora dos conventos,  
Encantada n'uns habitos de freira.

Tu és o mel que embebedava, outr'ora,  
Os tyrannos, cobrindo-te de flores!  
Ardenste instincto que a razão não doma,  
Tua corôa desfolhava Roma  
Na mesa lauta dos imperadores!

Tu és o braço que derroca os thronos,  
A faisca que ateia nos reinados...  
O Areopago, um dia, viu-te nua,  
E o alvo corpo, como estranha lua,  
Valeu a salvação dos teus peccados!

Transformas em rochedo o teu desejo  
No sentimento que melhor te quadre...  
Amam-te os nobres, os plebeus, o mundo,  
E alli, na cella, em meditar profundo,  
Tu és o céu nas orações do padre.

Alas! mil rosas sobre o teu caminho,  
Redemptora gentil dos berços quentes,  
Que os sonhos rubros, de doçura cheios,  
Vaes derramando, no apertar dos seios,  
E aos estribilhos no estalar dos dentes!

Glorias te exultem, deliciosa Carne.  
Santa votada ao culto da cubica...  
No altar humano em que, afinal, te vejo,  
Teu incenso é amor, a hostia, um beijo,  
E a linguagem do goso—a eterna missa!

**João Barretto de Menezes.**



# UM PERFIL

## I

Ninguém devia ser mais habilitado do que eu para tracejar, embora pallidamente, linhas sobre a individualidade de José do Amaral, para ferir a nota sincera na escala chromatica de seu merecimento, porque o conhecimento muito de perto, ligando-nos laços de velha camaradagem de vinte annos, tempo que bastou para cuidadoso perscrutar todos os escaninhos do seu coração, deonde só vi irradiar a bondade e o carinho, e maravilhar-me ante os esplendores de sua lucida intelligencia.

Devia ser competente, mas não o sou.

Acho difficil traçar-lhe o perfil, escrever com segurança seus traços biographicos.

Faltam-me luz e cores, porque, criteriosamente graphou o Illustrado Dr. Arthur Muniz — nada ha mais difficil do que traçar uma biographia, porque a *«biographia não deve apenas constar de uma collecção glacial de factos e datas sobre a individualidade; ella deve ser calcada na psychologia do biographado e na epocha da historia em que este floresceu»*.

18

Não chegam a tão alto surto minhas rapidas investigações, mesmo porque o poeta de quem hoje me occupo não é um *illustre desconhecido* no mundo das letras, onde occupa lugar de destaque, e outros, dotados de mais competencia e de mais profundos conhecimentos do que o humilde autor d'este trabalho, algo o têm estudado, ou antes a sua obra, e é esta a maior homenagem que se póde prestar a um escriptor, na phrase heril do autor dos *«Estudos Allemães»*.

Assim, pois, sem pretenções, trabalho estas desordenadas linhas sobre a individualidade literaria de José do Amaral; estudo ligeiramente suas producções, dando pallida ideia de seu merecimento, como poeta que *a si só deve o que vale e o que espera valer* e a maior gloria que guarne sua fronte é a de poder repetir como João Francisco Lisbôa — *o que sou só a mim devo!*...

José de Alemquer Simões do Amaral, filho legitimo do Capitão José de Alemquer Simões do Amaral, e D. Francisca Alexandrina da Silva Amaral, ja fallecidos, nasceu nesta formosa veneza americana, no anno da graça de 1864.

Quando, apenas, contava 17 primaveras, plenas de seiva, de viço e de esperanças, que lhe sorriam fagueiras por entre nevoas de sonhos côr de rosa e o mundo lhe era dourada messe de illusões que se multiplicavam, e como mesmo cantou o poeta:

«Estava ainda na manhã da vida,

A abobada do ceu era tingida  
De oiro e de azul, as cores que entrevia  
Da existencia na quadra mais florida,  
Quadra de amores risos e magia...»,

vio de chofre esborcinar-se a cathedral illuminada de suas phantasias, sendo desgraçadamente prostrado pela bala certa do destino, cedendo a um terrivel insulto de congestão, que o condemnou, como a Henrique Heine, a um leito de Procusto, onde vive, como eterno grilheta do destino, sempre a sorrir e a cantar, perfumado pela resignação que o faz um forte e pela bondade que o transforma em justo. Infelizmente paralitico, não se tem deixado açambarcar pela tibieza, que não é dos espiritos resistentes, com capacidade para encarar as tempestades da vida e pensa como illustre parlamentar inglez que é preferivel morrer de trabalho a morrer de inercia, ou antes adapta-se bem ao conceito de Ellick Morn que *para viver é necessario lutar*; d'ahi surge sua desmedida grandezamoral no moirejar constante pela vida, sem deixar-se abater um só instante, com a mesma superioridade de energias que blindam sua alma de forte combatente. E é por isso mesmo que se animou a percorrer grande parte do territorio nacional, e já teria visitado o velho mundo, sinão fosse a queda da dynastia com a revolução triumphante de 89, desthronando D. Pedro de Alcantara, a quem o poeta conhecia de perto, e que lhe promettera auxiliar em procura da saude na velha Europa. Conhece do Amazonas a S. Paulo; visitou Minas n'uma peregrinação de Apostolo, e por onde passou foi elle deixando sulcos de sua opulencia moral, na conquista de amigos, que facilmente faz, das sympathias que vão ficando com as saudades e dos beneficios que derrama a mãos cheias, prodigamente, como um Cresco de carinhos e de philantropia.

Ha um companheiro que não o deixa nunca; segue-o por toda parte, como a sombra ao corpo, como o cão ao dono. E' o seu grande auxiliar nas lides quotidianas.

Castor e Pollux não se estimariam mais. E' esse meigo companheiro o carrinho de mão que o locomove a toda a parte, com a presteza de um servo amigo, que o segue sempre com lealdade, e, de identificados que estão, um não pode viver sem o outro!



José do Amaral não escreve, não pode mesmo escrever! Tem as mãos mirradas pela atrophía cruel da atromolestia que dia a dia vae debilitando seu organismo, devorando-o com a saciedade da féra carnívora.

No emtanto, dita com facilidade seus adoráveis sonetos para um profano escrevel-os, e é admirável vel-o depois, como um ourives affectuoso á sua arte, cuidando de um verso pacientemente, burilando-o, aconchegando-o amcroso ao justo corpete da arte soberana, torturando-o com anciedade, perdendo horas da noite n'esta tortura, como Goncourt nos meandros da phrase, com a paciencia de um Flaubert, procurando as vezes uma só palavra, um só termo para seus trabalhos lapidares, até poder talhar no marmore branco da forma impecavel «um corpo aromatico de extranha lactescencia...»

E' que os poetas são uns afortunados «*porque vêm o mundo por um prisma muito differente ao de nós outros, transfiguram a Dor n'um poema de mil cantos e fazem de nugas acontecimentos versicolores...*»

E sinão vejamos neste poema em que José do Amaral rouxinolêa um corpo sadio e forte, com a verdadeira preocupação de artista e, como pantheista, adora a carne tinta das cores da alvorada, insuflado de amor sadio e forte, num

«Corpo aromal de estranha lactescencia  
Alvo, da cor de marmore de Paros,  
De puras linhas e contornos raros,  
O' flôr da carne, em plena adolescencia;

Ao sol do amor abrindo em florescencia,  
Eburneos folhos, nitidos e claros,  
Matas de inveja aos de belleza avaros,  
Lyrio gentil da graça e da innocencia.

Corpo virgineo e de esculptura helena  
Casto e macio, qual macia penna  
De ave, tecendo de algum ninho a trama;

Vejo-te e penso, ó nenuphar celeste,  
Que esse teu corpo immaculo reveste  
A alma do goso que a volupia inflamma.»

## II

Em todas as composições cheias de sonoridade, de imagens vividas e plena de vida resaltando um espirito sempre aprofundado nas maravilhosas grandezas da natureza pagã, alegre e feliz, José do Amaral fez da poesia a «*cuspidade da Arte*»; e pensa com justeza que o «*poeta é o seu grande Artista*». Não quiz como Heine fazer de suas grandes maguas pequeninas canções, nem a semelhança de Jeremias lamentar a desgraça que o alarpardou, porque «*nas desgraças sem-*

*pre a aventura deixa uma porta aberta para o remedio*», como no *D. Quixote* escreveu Cervantes.

Na sua farta bagagem, somente uma vez, no soneto—*Fatalidade* deixou, delicadamente, escapar-se a nota de seus soffrimentos, descendo o escalão de suas magoas, quando se comparou «*a tenra avesinha que no ceu voava e bala certa prostrou-a malfadada que a sorrir e a cantar deixou o ninho!*»

Não penso com Zeferino Filho comparando o nosso poeta a João Reboul que «*inspirou-se a cantar concitado pelo soffrimento d'alma que lhe deixara o espectro da morte, penetrando no seu lar, lamentando a ausencia de sua esposa e de uns queridos filhos, para que elle o imite, soluçando o inopinado desaparecimento de tantas visões inesqueciveis*. É o contrario do que pensa o illustrado escriptor patricio.

Acho o Amaral um combatente de envargadura de aço na cruzada das letras, aparelhado pela coragem de um crente para lutar e vencer as difficuldades absorventes da vida, sem abater-se ante a terebra da dor pela superioridade empolgante de seu espirito, já bafejado ao nascer pela musa da inspiração, só lhe faltando o baptismo do soffrimento, como disse Sylvio Romero, para desenrolar-se a corda da terna lyra. Tem bastante dosagem de bom senso para não ser um lamuriento, um choramingas tedioso, fazendo vibrar os nossos nervos com um sentimentalismo chlorotico, doentio, de tremeliques... E' um objectivista e ao mesmo tempo um subjectivista. E' artista e poeta! Como Byron é um apaixonado pela natureza, extasiando-se diante do verde luxuriante dos prados em flôr, do farfalhar monotono e cadencioso da cabelleira farta das florestas, dos trincojeos das aves, do ruido profundo do mar, do azul do ceu escampo, do scintillar das estrellas, da luz irradiante do sol glorioso, em summa um maravilhado, contemplando a harmonia dos corpos, as leis impereciveis do Cosmo na sua evolução constante, esquecendo-se n'esse momento de si mesmo, da pertinaz molestia que o preme e destroe lentamente seu organismo.

Nunca o vi triste sinão uma vez quando o sopro gelado da fatalidade cresceu a existencia preciosa de sua querida mãe, e sua *Dor Suprema* foi de tal jaez que...

*Ninguém calcula como num minuto  
Fere, crucia e punge e nos devora...*

Somente quem experimenta golpes d'essa natureza, ou, como elle, sentiu a alma estalar fibra á fibra, comburindo-se de magoas indefinidas pela doce e santa velhinha, caçoila de oiro de carinhos. de amor e de virtudes.



Nada o entibia. A semelhança do passaro preso, engaiolado, que mais gorgéia aguçado pela falta de liberdade, sem mais poder em largos surtos estender as asas multicores na amplidão polvilhada de luz branca, mais canta o nosso poeta sentindo o peso atroz da realidade inexhoravel da vida, sonhando sempre um mundo melhor, porque a vida é um sonho, e o nosso poeta um eterno sonhador.

Assim, pois, canta a *Primavéra*, vendo-a sempre mais formosa e mais louçã, com um sol mais dourado, como nunca tivera, opulenta de roupagens sempre novas que lhe empresta Maio em flôr... Inspirado canta o Amor, que o fascina, que o tortura, sonhando uma creatura vaporosa, ideal, com as faces incendidas das cores do pudor. "*Rosa de neve em purpura tornada*"

Canta a Aurora que desperta a natureza entre clarões e purpuras, em quanto o *Sol victorioso das aguas emergindo, rola sangrento pelo espaço em fóra...*

Sauda, depois, Helio soberbo, que sae como filho do povo a passeio pelas serranias, a esse mesmo sol de quem disse o autor do *Dias e Noites* que era nosso concidadão, sol que nos doira e nos queima e nos alimenta e nos mata, na palavra eloquente do grande orador portuguez Vieira de Castro. Tece magistralmente em rythmos suaves uma *Tarde* amena, na hora mysteriosa e sagrada do crepusculo, quando a mãe idolatrada a sorrir nos ensina as santas orações, e n'esses versos mimosos é o poeta empol-

gante de originalidade e de sentimento, despertando-nos a saudade que nos espicaça o peito, da quadra florida da infancia. em que a nossa mente se doira de phantasias cor das alvoradas, e a innocencia nos acarinha no seio pulchro de neve.

Enche-se de vida, desperta, parece que estruge a carne, espanja-se de luz mais o espirito, tortura-se como o esculptor dando a ultima de mão na estatueta, descrevendo a *Dormeuse* de Henner. e na *Ausencia* é de um lyrismo suave, palpitante, doce como os turturinos das pombas, e parece-nos que estamos no instante da partida; e depois *na curva do caminho o extremo adeus...* Um lenço no ar e o espinho da saudade... Outro, que não fosse um espirito forte, blindado de uma robustez invejavel, deixar-se-hia cair na valla do desalento atrofiante, no abatimento profundissimo de uma dor sem fronteiras, e lá se abriria a valvula do sentimentalismo piegas em lagrimas se deluindo; no entanto, norteou-se para o ceu da Arte, atufou-se no objectivo real, verdadeiro e armado cavalleiro não trepidou em entrar gostosamente nas justas da harmonia e da luz, estudando, progredindo, illuminando-se cada dia mais, e sazonados fructos colhendo na vasta seara de um lyrismo descriptivo, especial pendor de sua alma em vibrações pelos espaços dos sons, e das cores.

(Continúa)

*Tenorio de Gergueira*

## NOTULAS

### Como fomos recebidos

Foi calculado intuito nosso, em o numero passado, transcrever, de envolta com a manifestação do nosso fundo agradecimento pela acolhida fidalga que tivemos, todos os esplendidos conceitos expendidos pelos nossos collegas de imprensa, especialmente de Pernambuco, a proposito do nosso apparecimento.

A exiguidade do espaço de que dispomos violentou-nos esse ardente desejo, a ponto de nem siquer podermos registrar a nossa palavra de gratidão, tal o accumulo de materia que nos assoberbou.

Justificando-nos dessa falta, em absoluto, involuntaria, apresentamos a todos os estimaveis confrades o penhor do nosso vivo reconhecimento.

### GOTHARDO NETTO

Acaba de nos chegar ás mãos um exemplar do *Folhas mortas*, de Gothardo Netto.

A obra pósthuma do saudoso poeta norte-rio-grandense é um trabalho que vem fortemente evidenciar a força do seu grande éstro de artista da expressão rimada.

Opportunamente nos occuparemos desse livro.

Cumpre-nos, por ora, agradecer á familia do poeta a deferencia da oferta.